

# Sumário

<i>Prefácio</i> .....	9
<i>Introdução</i> .....	11
<i>A difícil arte de colocar limites</i> .....	15
<i>Birras e medos</i> .....	47
<i>Mentiras, enganos e fantasias</i> .....	67
<i>Vergonha e hiperatividade</i> .....	85
<i>Brincar</i> .....	99
<i>Inconsciente</i> .....	117
<i>Fase oral</i> .....	118
<i>Fase anal</i> .....	124
<i>Fase fálica</i> .....	125
<i>Entre o sentimento e a doença</i> .....	129
<i>Com o erro também se aprende</i> .....	137
<i>Anexos</i> .....	149
<i>A adaptação da criança à escola – e vice-versa</i> .....	149
<i>O passo-a-passo da anamnese</i> .....	154
<i>Referências bibliográficas</i> .....	163



## *Prefácio*

Este é um livro para pais e educadores que lidam diretamente com criança; seus exemplos são concretos e a linguagem é direta e simples.

Dora Lorch, psicóloga de formação, tem uma grande experiência em psicologia clínica educacional e na área psicossomática.

O presente trabalho enfatiza a importância dos limites para a criança e como estabelecer isso sem violência física ou verbal.

O aspecto inovador deste livro é que a autora focaliza o tema “limites” sob um ponto de vista original: não adianta o adulto pretender educar a criança se ele mesmo não lida bem com suas limitações.

De nada vale apresentar as regras para seus filhos, explicar as causas e as conseqüências, se você mesmo, como adulto, diz uma coisa e faz outra. A criança percebe de imediato a dicotomia entre a palavra e a atitude.

Dora Lorch também aponta a importância da “contenção” por parte dos pais e dos educadores. Conter não é repreender, mas sim esclarecer por meio de linguagem simples e exemplos concretos.

Nesse sentido, o livro apresenta uma série de situações que certamente muitos pais experimentam com seus filhos no cotidiano.

Educar é difícil, é algo para ser feito em tempo integral e, por isso, mais do que fórmulas prontas, é importante cultivar princípios norteadores.

O perigo dos castigos físicos é criar pessoas submissas e rancorosas, que se tornarão adultos dissimulados e agressivos.

Por outro lado, o “deixar fazer” gera indivíduos egocêntricos e sem a mínima noção de respeito pelo outro e pela vida em sociedade.

Assim, a autora nos mostra que a noção de limite depende de uma determinação interna tanto por parte da criança como do adulto. A maneira como este age no dia-a-dia educa muito mais do que um discurso repetitivo.

Outro aspecto relevante deste livro é que sua linguagem é acessível, fugindo dos jargões acadêmicos. Ao mesmo tempo, o texto é ancorado em sólida teoria: as idéias de Piaget, Freud e Winnicott sobre o desenvolvimento da linguagem, do jogo e da sexualidade nos primeiros anos da vida da criança.

Há também uma dimensão maior, que Dora estabelece como fio norteador. Ela analisa o comportamento da família sem esquecer que esta se vincula a uma situação mais ampla: a sociedade com seus padrões éticos e muitas vezes divergentes.

Daí, a importância dos fortes vínculos emocionais entre os membros de uma família. O modo como somos educados em casa nos prepara para enfrentar “o mundo lá fora”. Este eixo norteador é que possibilita ao indivíduo se adaptar ao meio social, mas sem perder a autonomia da sua subjetividade.

Pessoas que se enquadram cegamente no coletivo anulam-se como sujeitos. Portanto, o papel educacional da família e da escola, além da transmissão do conhecimento, é a construção de uma consciência autônoma. É esta que leva à verdadeira emancipação: a liberdade para escolher e ser responsável pelas conseqüências de suas escolhas.

*Ruth Rocha*

## *Introdução*

Minha formação não tem nada que ver com violência. Apesar de ter feito psicologia no período da ditadura e, em consequência, enfrentado a censura e brigado pelos direitos mais básicos (como o de poder dizer o que pensava), apesar de ter tido de sair correndo tantas vezes por causa de ameaças de bomba, estudar a violência não estava em meus planos. Na verdade, queria distância dessa realidade. Então, formei-me em psicologia clínica educacional e especializei-me em psicossomática. Pela via da psicossomática, passei a trabalhar com dentistas e a atuar com odontopediatras.

Até que, durante uma pesquisa sobre medo de anestesia, deparei com a famosa “técnica de contenção”, que consiste em abrir à força a boca de uma criança resistente ao tratamento odontológico. O método resume-se em tapar com uma gaze seu nariz para obrigá-la a abrir a boca. Claro que a criança reage e tenta tirar a mão do dentista, o que o obriga a segurar as mãos dela. Impossibilitada de agir com as mãos, a criança tenta tirar o adulto com as pernas e os pés, o que faz que tenha de ser completamente imobilizada. Depois dessa briga, alguém consegue seguir com o tratamento? Claro que não.

O interessante é que os psicólogos que faziam parte da equipe, assim como qualquer outra pessoa com quem eu conversasse a respeito, enxergavam o absurdo da agressão, mas os dentistas não. Por quê? Como fazê-los entender que estavam praticando uma violência? Na semana seguinte, levei o relato da experiência para os dentistas lerem e percebi sua indignação. Os

próprios protagonistas não percebiam o que faziam. Se aquela não fosse uma pesquisa científica, eles não acreditariam nela.

Motivada pela curiosidade acerca do porquê dessa situação, bem como por especulações a respeito de qual seria a melhor maneira de mostrar para os dentistas o absurdo de tais atitudes, criei o curso de psicologia para odontopediatras. Também minha dissertação de mestrado, cujo tema foi a birra, teve origem nessas considerações (seu conteúdo embasa o capítulo 2 deste livro). Devido a essa pesquisa, ouvi muitos casos de agressão cometida por médicos e dentistas em crianças e adultos, e percebi a intensidade com que a violência se impregna em nossa vida – não apenas nos consultórios, mas nos relacionamentos, nas casas, nas ruas.

Pensei em como tinha chegado à conclusão de que aquela postura não era a mais adequada. No caso dos dentistas, meu desafio era provar que a criança não estava desafiando o profissional, portanto não havia necessidade de um confronto. Descobri que a diferença era minha leitura da situação: precisaria traduzir para os adultos os sentimentos das crianças. Não estou falando de fórmulas prontas, mas de princípios norteadores. Em outras palavras: no que eu me baseava para tirar esta ou aquela conclusão.

A violência como forma de se conseguir o que se quer é algo muito difundido – pelo menos em nosso país, que tem um histórico de escravidão. Por isso pesquisei comportamentos e atitudes das crianças que irritavam os adultos, num processo de “traduzir” para o adulto os sentimentos ali envolvidos. De posse dessas informações, montei cursos para odontopediatras e, mais tarde, para educadores de creches. Anos depois, descobri que:

- os dentistas começaram a mudar sua maneira de agir (claro que a minha foi uma dentre várias vozes que clamaram por mudanças);

- nas creches, o alcance fora além do esperado: as educadoras haviam atingido a comunicabilidade, alterado a compreensão de diversas situações e, por extensão, alterado padrões de comportamento.

Nos primeiros cursos, deparei com profissionais inquisidores, querendo saber como deveriam agir sem a contenção. Este era o segundo desafio: fala-se muito da necessidade de impor limites às crianças de hoje, que estariam fazendo o que querem sem respeitar os demais. *Mas como colocar limites sem agredir?* Primeiro é preciso compreender a situação, depois podemos achar várias maneiras de lidar com ela.

Freqüentemente, falhas dos filhos são consideradas desrespeito pessoal aos pais. E, nesse contexto, punidas severamente. Se o filho tira uma nota baixa, o pai tira dele algum privilégio, sem se perguntar por que isso aconteceu, como se o filho tivesse ido mal só por vingança. *Será?* Agora falta saber por que não usar os castigos físicos: porque não adianta! Educar é um processo, e as dificuldades que terão de ser enfrentadas para que qualquer criança aprenda são muitas – a hora de escovar os dentes, de pôr os sapatos, de vestir um casaco, de fazer os deveres da escola. Por ser um processo, não adianta o adulto tomar uma atitude drástica que não terá como sustentar. Não adianta ser muito rígido se a mesma situação fatalmente vai se repetir. Mais do que rigidez, para educar um pequeno ser em formação é preciso persistência e consistência, ou seja, é preciso ter sempre o mesmo princípio e a mesma forma de agir, além de uma boa razão para acreditar no que se está pedindo.

Espero que este livro inspire reflexões sobre a melhor maneira de educar nossas crianças e faça de nós pessoas melhores.

Boa leitura.